

Eles não têm mais 14 anos

Maria Clara Souto do Nascimento

2

“Já te enlouqueceu pensar na rapidez com que a noite muda?” Foi neste trecho da música “Night Changes”, do One Direction, que fiquei pensando durante boa parte do meu estágio, especialmente nas conversas que aconteciam nas salas dos professores. A vida em 2022 já não é a mesma de dois anos atrás... Muita coisa aconteceu desde então: uma pandemia assolou o mundo, obrigou todos a ficarem isolados em suas casas, vivendo em seus próprios universos. As relações tiveram que mudar também, assim como o modo de realizar as tarefas mais simples como ir ao trabalho ou à escola. E é aí que os alunos do Peregrino Júnior entram — ou quaisquer outros.

Os relatos mais comuns que pude ouvir foram “eles não conseguem aprender assuntos simples” ou “os alunos do ensino médio ainda possuem a maturidade do fundamental”. Ao passar apenas pouco mais de um mês naquela escola pude constatar que, sim, é verdade. E ainda fica pior, pois ao refletir sobre o assunto, sei que não era necessária uma pandemia de dois anos para que a escola pública no Brasil fosse consideravelmente mais atrasada em relação às demais... A defasagem escolar é, lamentavelmente, uma realidade no ensino que não é privado já há muito tempo. Mas o fato é: a pandemia aconteceu. E as suas consequências vão permanecer por um longo período — principalmente para esses alunos.

Os jovens do 3º ano que acompanhei eram apenas recém chegados à adolescência quando tudo isso estava prestes a acontecer. Por volta de seus 14 anos, ainda não tinham dimensão da importância de suas escolhas e, agora, se vêem entrando na vida adulta e precisando decidir o rumo de suas vidas — talvez por meio de uma prova, talvez por outros meios... Então, por isso é tão complicado culpá-los por não serem capazes de lembrar todas aquelas datas, todas aquelas fórmulas, todos aqueles conceitos tão básicos. Eles só têm 14 anos.

Não. Eles não têm mais 14 anos. Eles nunca mais vão ter. E aqueles dois últimos anos? Podem ter sido perdidos; eles também nunca mais o terão. Perderam uma base importante, perderam a chance de construir relações que poderiam durar uma vida, ou perto disso. Podem ter perdido amigos. Perdido a motivação de continuar se esforçando para algo que parece perdido. Isso não pode ser alterado, não há como voltar no tempo. Mas há como alterar o de daqui para frente.

Sendo assim, o papel da escola faz-se tão importante nesse momento: é ela que trará de volta o prazer nos estudos através de diferentes, dinâmicos e inovadores projetos que só são possíveis com a cooperação de todo o corpo escolar. Aqueles que estimulam a participação de todos os alunos trabalhando unidos e ainda evidenciam os diversos tipos de inteligências, além da criatividade e da subjetividade de cada um, são fundamentais não apenas para construir um espaço escolar saudável, mas para a própria formação deles

como indivíduos. Por isso, sei que ainda existe aquela faísca de esperança, mesmo que seja tão louco pensar na rapidez com que a noite muda.
